

# TERRITORIALIDADES RELIGIOSAS NO BRASIL OITOCENTISTA: A IMPRENSA EVANGÉLICA E A IMPLANTAÇÃO DO PRESBITERIANISMO NO BRASIL (1864 – 1892).

PEREIRA, Marco Aurélio Monteiro (UEPG)

## 1. Considerações Iniciais

Estudar a formação das identidades e das territorialidades religiosas evangélicas e especificamente, presbiterianas no Brasil, em seus primórdios de construção, coloca, inicialmente, uma questão que diz respeito ao próprio campo de abordagem.

Os cientistas sociais tendem a ver a religião de diferentes formas.

Em primeiro lugar, como uma forma de conhecimento associada à dimensão ideológica de opressão, produtora de ignorância, ao alienar o ser humano da compreensão das formas de opressão de classe por ele vivenciadas, por meio da promessa de salvação e de recompensa em outra vida.

Em segundo, pesquisadores comprometidos com instituições religiosas tendem a ver a religião como a plena afirmação dos valores e estruturas organizacionais intrínsecos a elas. Possuem, normalmente, uma produção institucional e apologética.

Uma outra vertente, com forte influência da historiografia dos *Annales*, vê a religião e nos campos das mentalidades e representações coletivas. Esta vertente centra sua análise e produção no campo da religiosidade popular, minimizando o papel institucional da religião<sup>1</sup>.

Mas a construção das territorialidades religiosas de um grupo vai além das dimensões ideológicas, institucionais e culturais. Ela significa articular as realidades desiguais, vividas pelo grupo em suas diferentes dimensões, com o processo de mudanças da sociedade onde o grupo está inserido. Significa definir o complexo grupo de tensões onde o grupo experimenta suas crenças e vivências. As territorialidades religiosas se inserem, assim, numa dimensão complexa, onde se articulam cultura, sociedade, história e espaço<sup>2</sup>.

As territorialidades religiosas se configuram como parte fundamental de uma Geografia do Sagrado, pensada como “mais afeta à rede de relações em torno da

---

<sup>1</sup> Sobre esta questão ver SILVA, Edson Armando. **Uma discussão sobre a territorialidade franciscana no sul do Brasil**. Ponta Grossa: [s.n.], 2005. (mimeo.).

<sup>2</sup> Sobre a questão das territorialidades religiosas, é importante o estudo Sylvio Fausto Gil Filho sobre a territorialidade católica no Brasil: GIL FILHO, Sylvio Fausto. Estruturas da territorialidade católica no Brasil. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, vol. X, n. 205, 15 de enero de 2006, <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-205.htm> .

experiência do sagrado do que propriamente às molduras perenes de um espaço sagrado coisificado”<sup>3</sup>.

Esta *rede de relações em torno da experiência do sagrado* é que dá a tônica deste trabalho. Aqui se busca a compreensão de novas territorialidades religiosas no próprio campo do cristianismo brasileiro, tendo como objeto a construção das territorialidades evangélicas no Brasil Oitocentista, especificamente as presbiterianas, a partir da análise de um dos principais veículos articuladores e difusores dessas territorialidades: o jornal *A Imprensa Evangélica*.

## 2. Religião e Religiosidade no Brasil Oitocentista

Um apanhado breve das questões afetas à religião e à religiosidade no Brasil do século XIX, destaca pontos importantes para a compreensão das territorialidades religiosas brasileiras nesse período.

No começo do século XIX, a Igreja Católica era marcada por uma crônica carência de clérigos, tanto regulares quanto seculares, e por um acentuado declínio em seus padrões morais, espírito apostólico e vocação missionária<sup>4</sup>.

Por parte dos fiéis, a prática religiosa era marcada por uma piedade ostensiva e supersticiosa:

Havia, entretanto, no Império, uma piedade grandemente difundida, cujos traços são dignos de observação. Piedade supersticiosa, objetar-se-ia à primeira vista. A espiritualidade latina é, em geral, mal vista pelos crentes, católicos como protestantes, que apressadamente a qualificam como supersticiosa”<sup>5</sup>.

Além disso, havia um grande fascínio pelo festivo, pelo aparatoso nas celebrações institucionais da Igreja, usado catequeticamente pelo clero, a par de uma devoção pessoal e familiar bastante disseminada.

As festas religiosas equivaliam à *biblia idiotorum*, segundo a expressão outrora empregada em relação aos vitrais e imagens santas. (...) Estas solenidades brilhantes e turbulentas, todavia, não constituíam os únicos atos piedosos dos fiéis, que possuíam, também, suas devoções familiares”<sup>6</sup>.

A influência do racionalismo iluminista burguesia intelectual e no clero ilustrado levava a um forte grau de tolerância no catolicismo brasileiro, num claro contraponto claro, por exemplo com a intransigência do catolicismo espanhol.

<sup>3</sup> GIL FILHO, Sylvio Fausto. Por uma Geografia do sagrado. **RA'E GA – O espaço geográfico em análise**. Curitiba, n. 5, p. 67-78, 2001.

<sup>4</sup> LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro**. 3 ed. São Paulo: ASTE, 2002, p. 32-36. O livro de Léonard, que aqui trabalha fundado principalmente sobre o relato de viagem do missionário metodista Rev. Daniel Parish Kidder (1815-1891), serve de fundo para este momento do texto.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 37-38.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 39.

A influência inglesa no Brasil despertava nas elites intelectuais um forte atrativo por uma religião “à inglesa”, que pode ser comprovado, pelo grande número de intelectuais que aderiram ao protestantismo quando de sua implantação no país.

Esta abertura também era sensível no clero progressista. O catolicismo brasileiro, exceção feita à invasão holandesa no Nordeste no século XVII, não se envolvera nos embates da Contra-Reforma, candentes na Europa a partir do século XVI. Era um catolicismo marcado por sua tolerância institucional, “inofensivo, longânimo, paciente e lento nas suas reações”<sup>7</sup>. Esta longanimidade e paciência eram características do catolicismo brasileiro desde o período colonial, com uma clara influência da tradição da Igreja anterior à Reforma.

O clero progressista, porém, possuía teologicamente influência jansenista em sua formação, o que o encaminhava na “fomentação de uma piedade austera, culto das Sagradas Escrituras e independência com relação a Roma”<sup>8</sup>.

Numa Igreja Católica onde a Europa era cada vez mais ultramontana, a influência do jansenismo no clero brasileiro permitiu uma maior resistência ao processo de romanização do catolicismo no Brasil.

Sua influência (do jansenismo) reforçou, assim, o realismo oficial e a política anti-pontifical, atitude que foi regra sob os dois impérios, herdeiros neste ponto, como em muitos outros, da política do (sic) Pombal. Seria inútil insistir, aqui, nas tumultuosas relações entre o governo brasileiro e a Santa Sé, pois é bem conhecida a sua história.<sup>9</sup>

Assim, num país com uma religião de poucos padres, uma devoção mística, supersticiosa e sincrética, principalmente com os cultos africanos trazidos pelos escravos e o animismo indígena; espetacular e privada ao mesmo tempo; tolerante e com influências jansenistas e separatistas em relação a Roma; é que surgem as primeiras manifestações de religiões evangélicas<sup>10</sup>.

### 3. Os Primórdios do Protestantismo no Brasil

Os inícios da presença protestante no Brasil se dão no primeiro quartel do século XIX. Na Capital do Império, este início se deu com a abertura de capelas pertencentes a colônias estrangeiras: ingleses em 1819 e alemães em 1827 no Rio de

---

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 41.

<sup>8</sup> LÉONARD, *op. cit.*, p. 43.

<sup>9</sup> LÉONARD, *op. cit.*, p. 44..

<sup>10</sup> Não vou considerar aqui a presença huguenote francesa na Guanabara no século XVI, nem a presença dos reformados holandeses no Nordeste no século XVII, por seu caráter pontual e efêmero para os objetivos deste trabalho.

Janeiro. Porém sua prática era decididamente introvertida, sem pretensões missionárias aos brasileiros<sup>11</sup>.

A ação missionária era feita, principalmente, pela distribuição de Bíblias, inicialmente pela *Sociedade Bíblica Britânica*, criada em 1804, e posteriormente pela *Sociedade Bíblica Americana*, fundada em 1816.

A primeira ação missionária minimamente efetiva se deu pela Igreja Metodista, que, em 1835, pela Conferência do Tennessee, enviou o Rev. Fountain E. Pitts ao Brasil, Argentina e Uruguai, para aferir as possibilidades de implantação de um trabalho missionário.

A consequência disso foi a vinda para o Brasil do Rev. Justin Spaulding, que abriu uma pequena escola para crianças estrangeiras e brasileiras e manteve um ministério pastoral para os integrantes das colônias e marinheiros ingleses e norte-americanos no Rio de Janeiro.

Em 1837, o Rev. Spaulding recebe o reforço de vários professores e do Rev. Daniel Parish Kidder. Kidder é fundamental para a compreensão da visão protestante norte-americana sobre o Brasil. Tendo viajado boa parte do litoral brasileiro e do interior das Regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste, Kidder foi um observador arguto das realidades sociais, culturais, políticas e principalmente religiosas do Brasil nos três anos que aqui permaneceu.

Kidder, que percorreu o Brasil durante a minoridade de D. Pedro II, distribuindo Bíblias e reunindo documentário para seus *Sketches of residence and travel in Brazil*. Outras descrições de viagens poderão interessar mais do ponto de vista da descrição geográfica, econômica e social do país. Esta, entretanto, sobreleva todas no que diz respeito à situação espiritual e eclesial, quer pelo fato de ser esse assunto afim com sua atividade e as preocupações de seu autor, quer devido à sua inteligência e liberalismo, que nem sempre encontramos em propagandistas que seguiram seus passos.<sup>12</sup>

Kidder “dedicou-se, principalmente, ao trabalho de difusão das Sagradas Escrituras em tradução de Figueiredo, autorizada pela hierarquia católica...”<sup>13</sup>. A reação católica inicialmente foi pequena e, de certa forma, favorável aos protestantes distribuidores de Bíblias.

Esta situação permaneceu propícia às iniciativas missionárias protestantes durante o reinado de D. Pedro II. O monarca brasileiro possuía uma formação intelectual influenciada pelo iluminismo e pelo cientificismo, e uma religiosidade católica não influenciada pelo ultramontanismo, vista mais como um dever de Estado.

---

<sup>11</sup> O texto de LÉONARD, *op. cit.*, p. 47-51, servirá de pano de fundo para esta seção.

<sup>12</sup> LÉONARD, *op. cit.*, p. 32-33.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 48.

Essa visão do Imperador, instrumental, socializante, proto-positivista, de priorizar o uso da igreja no campo social sem maior consideração por suas dimensões espirituais era um dos fatores que facilitou muito o ingresso e a ação de missionários protestantes no Brasil da segunda metade do século XIX.

Para Léonard, duas grandes motivações facilitaram a implantação missionária do protestantismo no Brasil: “as disposições do Imperador e a necessidade que o Brasil tinha de imigrantes”<sup>14</sup>.

A imigração era vista como uma das alternativas preferências para povoar e civilizar o vasto território brasileiro pelos governantes do II Império. Assim, os colonos mais “evoluídos”, protestantes, deveriam ter condições de praticar suas religiões, nelas educar seus filhos e celebrar seus cultos.

Essa disposição do governo imperial foi o dado fundamental e necessário para o início do protestantismo de missão no Brasil oitocentista. Este protestantismo de missão não surge nem das colônias de imigrantes, nem tampouco das capelas de culto na Capital do Império, mas se deve às Sociedades Bíblicas.

De 1851 a 1854, o representante da Sociedade Bíblica Americana no Rio de Janeiro foi o Rev. James Cooley Fletcher, pastor presbiteriano. Mais tarde, a partir de 1855, Fletcher também passou a ser agente da União Americana de Escolas Dominicais e da Sociedade Americana de Panfletos, voltada à distribuição de literatura evangelística. Fletcher viajou mais de cinco mil quilômetros pelo interior do Brasil distribuindo Bíblias, entre 1855 e 1856. Em diversas passagens e com funções distintas, Fletcher manteve sua ligação com o Brasil até 1869. Sua ação política, de representação e missionária foram fundamentais para a difusão e conquista de respeitabilidade dos valores evangélicos no Brasil.

Foi por insistência de Fletcher que, em 10 de maio de 1855, chegou ao Rio um missionário escocês, Robert R. Kalley, com o objetivo específico de iniciar um trabalho de evangelização com o fito de edificar a primeira igreja protestante brasileira.

Robert Reid Kalley foi um médico escocês, calvinista congregacionalista, que iniciou sua carreira missionária na Ilha da Madeira. Lá Kalley iniciou um trabalho missionário articulado com um serviço médico beneficente. O êxito de seu trabalho gerou uma forte perseguição do clero português, obrigando a deixar a ilha em 1847, acompanhado de um grupo de prosélitos com cerca de duas a três mil pessoas, indo para os EUA

---

<sup>14</sup> LÉONARD, *op. cit.*, p. 53.

Instado a enviar alguns crentes em missão para o Brasil, Kalley resolveu vir ele próprio, acompanhado de um pequeno núcleo de auxiliares, onde começou o trabalho missionário de evangelização no Brasil.

Kalley articulou o objetivo de manter contato com a elite imperial, o que lhe garantiria uma inserção social qualificada e a boa-vontade com sua obra missionária. Instalou-se em Petrópolis, onde, inclusive, recebia visitas do Imperador D. Pedro II. Escrevia artigos sob pseudônimo nos jornais do Rio de Janeiro.

Seu primeiro convertido, batizado em 11 de junho de 1858, no Rio de Janeiro, foi Pedro Nolasco de Andrade. A data também é considerada informalmente a fundação da Igreja Evangélica Fluminense, que possuía, no início, catorze membros.

Mas o impacto maior da Igreja Evangélica na capital do Império foi o batizado, em 1859, de membros da corte imperial: D. Gabriela Augusta Carneiro Leão, irmã do Marquês do Paraná, e o Barão de Santa Maria e sua filha D. Henriqueta. A repercussão foi grande e Kalley foi advertido, pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, que “a tolerância religiosa garantida pela Constituição Brasileira não é tão plena que admitia a propaganda de doutrinas contrárias à religião do Estado”.

A partir daí começaram a haver pequenos incidentes em torno dos lugares de culto no Rio de Janeiro, com a conivência e até participação da polícia local. Kalley foi forçado a recorrer ao consulado britânico e, em 19 de outubro de 1861, o chefe de polícia da Capital emitiu uma nota circular lembrando a necessidade de respeito aos lugares de culto não-católicos.

Em 17 de abril de 1863, o decreto nº 3069, regularizava os casamentos de membros das “religiões toleradas”, e estabelecia que seus nascimentos e sepultamentos fossem registrados nos cartórios civis e que os cemitérios teriam um lugar próprio para suas sepulturas.

Depois de uma breve estada na Europa, Kalley retorna ao Brasil e é eleito pastor da Igreja Evangélica Fluminense. E, fato notável, a certidão desse ato foi registrada na Secretaria do Império em 23 de outubro do mesmo ano<sup>15</sup>.

#### *4. Simonton e o Início do Presbiterianismo no Brasil*

No final da década de 1850, a Igreja Presbiteriana dos EUA, enviou ao Brasil seu primeiro missionário ao Brasil, com objetivos missionários e de instalação de igrejas em território brasileiro.

---

<sup>15</sup> LÉONARD, *op. cit.*, p. 56-61 *passim*.

O Rev. Ashbel Green Simonton, escolhido para a missão, era um pastor de vinte e seis anos quando de sua chegada ao Brasil. Simonton nasceu em Dauphin, Pensilvânia, em 20/01/1833. Seu pai, William Simonton, era médico. Sua mãe, Martha David Snodgrass, era filha do pastor presbiteriano Rev. James Snodgrass<sup>16</sup>.

Depois de concluir seus estudos secundários em 1852, Simonton viajou pelo sul dos EUA ganhar experiência no campo educacional. Foi nesta viagem que começou escrever seu *Diário*<sup>17</sup>. Em 1853 e 1854, dirigiu uma escola para meninos em Starkville, Mississippi. Em 1854 decidiu estudar Direito, por conta própria.

Seu despertamento missionário se deu em um avivamento religioso ocorrido em Harrisburg, Pensilvânia. Após um período de indecisão, fez sua profissão de fé, na Igreja Presbiteriana Inglesa, em 3/05/1855, assumiu sua candidatura ao ministério e, no segundo semestre de 1855, foi estudar no Seminário de Princeton.

Em seu primeiro semestre de estudos, Simonton ouviu um sermão de Charles Hodge que o levou a considerar a possibilidade de vir a ser missionário no exterior. Em 1858, apresentou-se como candidato a missionário na Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos.

Simonton foi ordenado pastor pelo Presbitério de Carlisle em 14 de abril de 1859 e embarcou para o Brasil em 18 de junho do mesmo ano, chegando ao Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1859.

Sua ação missionária inicial, determinada principalmente pela falta de fluência na língua portuguesa foi junto aos marinheiros de língua inglesa engajados nos navios atracados no Rio de Janeiro e em residência de norte-americanos e ingleses.

Logo Simonton entrou em contato com o Rev. Robert Kalley e, depois de um desentendimento inicial sobre concorrência no campo missionário, construiu com este uma relação de amizade<sup>18</sup>. Em 22/04/1860, dirigiu seu primeiro culto em português e em 25 de julho, com a chegada do Rev. Alexander L. Blackford, seu cunhado, que viera para auxiliá-lo em seu trabalho, Simonton pôde articular a consolidação e expansão da missão presbiteriana no Brasil.

---

<sup>16</sup> A biografia e descrição da ação missionária de Simonton são livremente baseadas em MATOS, Alderi Souza de (org.). **O Diário de Simonton (1852-1866)**. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, especialmente as p. 8-11; FERREIRA, Júlio Andrade. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil**, Em comemoração ao seu primeiro centenário. Vol. I. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959, especialmente as p. 9-20; e MATOS Alderi Souza de. Simonton e as bases do presbiterianismo no Brasil. In: MENDES, M; LEMBO, C. *et al.* **Simonton, 140 anos de Brasil**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2000.

<sup>17</sup> MATOS, Alderi Souza de (org.). **O Diário de Simonton (1852-1866)**. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

<sup>18</sup> Ver FERREIRA, *op. cit.*, p. 10-11.

No final de 1860, Simonton fez uma viagem pela Província de São Paulo, passando pela capital e por Sorocaba, Itapetininga, Itu, e Campinas. Voltou ao Rio de Janeiro em maio de 1861, e, numa casa alugada na Rua do Ouvidor, começou a dar aulas duas vezes por semana em inglês e português e iniciou, em 19/05/1861, uma classe de estudos bíblicos que funcionaria aos domingos à tarde. O empreendimento teve êxito e Simonton começou também com um culto semanal às quintas-feiras à noite. Logo após a chegada do missionário Francis Joseph Christopher Schneider, no final de 1861, para auxiliá-lo, Simonton, em 12 de janeiro de 1862, organizou a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro<sup>19</sup>.

Em março de 1862, Simonton viajou aos Eua em seu único *furlough*<sup>20</sup>, percorrendo diversas cidades americanas na divulgação da obra missionária no Brasil. De volta ao Brasil em 1863, já casado com Helen Murdoch, Simonton retomou a missão no Rio de Janeiro e Blackford foi para São Paulo iniciar ali o trabalho missionário.

Em junho de 1864, a esposa de Simonton faleceu após o nascimento de sua filha, também Helen. Neste período, Simonton já contava também com a colaboração do missionário George Whitehill Chamberlain.

Dois momentos marcaram a missão presbiteriana nesse ano de 1864. A conversão e profissão de fé do ex-sacerdote católico e futuro pastor e missionário José Manoel da Conceição em 23 de outubro e, em 5 de novembro, o lançamento do jornal, *A Imprensa Evangélica*.

Em 1865, Chamberlain organizou as igrejas de Brotas e de São Paulo. No Rio, depois de passar pelos endereços da Rua do Ouvidor, Rua do Cano e Rua do Regente, Simonton alugou para a igreja, em 1867, um imóvel no Campo de Santana, atual Praça da República. Ali funcionavam a igreja, uma escola e o novo Seminário Teológico, cujas atividades foram iniciadas em 14 de maio de 1867. O Seminário funcionou por três anos, mas formou os primeiros pastores presbiterianos brasileiros.

No final de 1867, Simonton foi pela última vez a São Paulo, mas seu estado de saúde agravou-se e ele faleceu em 9 de dezembro de 1867, sendo sepultado no recém-inaugurado Cemitério dos Protestantes, na Consolação.

---

<sup>19</sup> A Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro é a primeira igreja evangélica formalmente organizada no Brasil, antecedendo a formação da Igreja Evangélica Fluminense por Kalley em cerca de 10 meses.

<sup>20</sup> *Furlough* era um tipo de viagem, misto de férias e divulgação da obra missionária, recorrente no trabalho missionário protestante no século XIX.

A obra de Simonton foi fundamental para a implantação do presbiterianismo no Brasil. Suas ações no campo missionário foram marcadas por sua propositividade. Manteve uma postura prudente em relação ao catolicismo, sem ênfase apologética, “mas intenção proselitista, conversionista e exortativa para os fiéis de sua Igreja no sentido de consolidar neles os princípios distintivos da nova fé que haviam abraçado”<sup>21</sup>.

Esta concepção, de uma ação missionária fundamentalmente propositiva também esteve presente na linha editorial do principal periódico evangélico do século XIX: *A Imprensa Evangélica*, o que foi fundamental para a construção positiva da nova territorialidade religiosa evangélica e presbiteriana no Brasil.

### 5. A Imprensa Evangélica

O projeto da *Imprensa Evangélica* foi um dos mais caros a Simonton durante sua ação missionária no Brasil. Gestado em um período de crise pessoal, abalado pela viuvez e pelo envio da pequena filha para ser criada por sua irmã em São Paulo, Simonton debruça-se de maneira intensa aos preparativos para a criação de um órgão de imprensa que fosse o canal de interlocução dos presbiterianos não apenas com os membros da Igreja, mas também com a sociedade brasileira. Simonton, em seu relatório pastoral de 1867, assim coloca seu envolvimento com a *Imprensa Evangélica*:

Outro trabalho que me tem roubado muito tempo é a publicação da Imprensa Evangélica. A importância de uma folha evangélica não pode ser contestada. Por este meio instruímos muitos que não estão ao alcance de outros meios atualmente empregados na pregação no Evangelho. Mesmo nesta Corte sucede isto. Um número de pessoas talvez maior que se pensa, só tem notícia do Evangelho pela leitura da Imprensa Evangélica.<sup>22</sup>

O lançamento do jornal, que teve seu primeiro número publicado em 05 de novembro de 1864, com periodicidade quinzenal, foi um marco na história da missão presbiteriana no Brasil e o momento de estabelecimento de um canal de comunicação ampla com a sociedade brasileira, no processo de constituição de uma territorialidade protestante presbiteriana própria no Brasil.

Julio Andrade Ferreira, autor de uma das mais importantes obras de história da Igreja Presbiteriana do Brasil, fez assim a apreciação do jornal:

A “Imprensa” se manteve por muito tempo com oito páginas. Tamanho de 20 por 30 centímetros, prestava-se a ser encadernada, e o próprio Simonton estimulava os leitores a fazê-lo, alegando que o material era de interesse permanente. Os editoriais são excelentes. Breves, mas expressivos, procuram despertar nos leitores o interesse pela salvação da alma. Há estudos, com forma de perguntas e respostas, sobre o “Pai Nosso”, posteriormente sobre os “Dez

<sup>21</sup> MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Pendão Real; São Paulo: ASTE; São Bernardo do Campo: Instituto ecumênico de Pós Graduação em Teologia e Ciências da Religião, 1995, p. 83.

<sup>22</sup> SIMONTON, Ashbel Green. Relatório Pastoral de 1867. *Apud* FERREIRA, *op. cit.*, p. 36.

mandamentos”, e outros assuntos, de modo a constituir, como dizia, base para instrução no culto doméstico. Sai, em série, tradução de artigos de Adolfo Monod, sobre a “Leitura da Bíblia”: Trata-se de controvérsia amigável de uma jovem com o cura, discussão na qual vem a tomar parte um racionalista, sr. Lasalle. Muito sugestiva a série. Santos Neves publica poesias. Algumas das ilustrações tradicionais de nossos púlpitos, eu as encontrei na “Imprensa”. Na seção de noticiário, quase nada se diz de movimento evangélico no Brasil, mas comentam-se os problemas políticos de uma perspectiva evangélica. É enaltecida a defesa da liberdade de consciência; mostra-se o que se passa de significativo no mundo, pela vitória do Evangelho. Simonton escrevia com elegância e rigor. Presumimos que seus artigos fôssem revistos por alguém antes da publicação, pois nos relatórios de Simonton não há a mesma correção de linguagem, se bem que se perceba igualmente a limpidez de pensamento.<sup>23</sup>

O lançamento do jornal tem repercussão. “O “Diário”, do Rio de Janeiro, faz apreciação, dizendo que a “Imprensa” é o jornal ‘escrito com dignidade’”.

Embora fosse um jornal comprometido com a causa missionária e evangélica, a *Imprensa* abordava um campo muito mais amplo de temas além dos explicitamente religiosos em suas páginas. Era um periódico que não se furtava a comentar e tomar partido nas questões que mobilizavam as atenções no Segundo Império.

Outra característica do jornal era o seu caráter apologético, principalmente na polêmica que travou com o periódico católico de influência ultramontana *O Apóstolo*, num debate travado num nível elevado para o usual da época.

O jornal *Imprensa Evangélica* foi publicado até 1892, quando, no seio do embate entre os pastores brasileiros e missionários americanos e a ida de Chamberlain para Pernambuco, deixou de ser publicado.

## 6. Considerações finais

A sintética digressão aqui posta sobre a implantação do presbiterianismo no Brasil em seus primórdios serve de pano de fundo para a reflexão sobre o processo de construção das territorialidades religiosas protestantes e presbiterianas no Brasil Imperial.

Num país onde o catolicismo, oficial e amplamente hegemônico, oscilava entre o ultramontanismo e o jansenismo, a chegada dos missionários protestantes trouxe, mais do que uma proposta evangélica, a visão do protestantismo norte-americano em sua era missionária.

Os missionários pioneiros, imbuídos da doutrina do *Destino Manifesto*, originalmente usada para justificar a ocupação do Oeste dos EUA e a anexação de territórios mexicanos, mas também posta como pano de fundo para ação missionária protestante fora dos EUA, viam em sua ação um processo articulado de salvação

---

<sup>23</sup> FERREIRA, *op. cit.*, p. 35.

espiritual e desenvolvimento social, um processo civilizatório, se bem que espiritualizado.

Este processo se constrói na articulação de territorialidades religiosas cristãs diferenciadas em relação ao catolicismo romano, visto como sinal de atraso e autoritarismo.

É neste contexto que surge a *Imprensa Evangélica*, como instrumento de pregação missionária, mas também de embates apologéticos e propagação dos valores concepções do protestantismo norte-americano em terras brasileiras. Surge como instrumento de construção de novas territorialidades religiosas, alternativas ao Catolicismo Romano, mas que não se esgotam no campo teológico-doutrinário, se expandem também para os campos da política, sociedade e cultura.